

LUNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Ronaldo Batista Lazzarotti Gonçalves

UMA IDEIA NA CABEÇA E UMA CÂMERA NO TRIPÉ

Os desafios de se produzir um curta sozinho

Belo Horizonte

2017

Ronaldo Batista Lazzarotti Gonçalves

UMA IDEIA NA CABEÇA E UMA CÂMERA NO TRIPÉ

Os desafios de se produzir um curta sozinho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de Bacharelado em Cinema de Animação e Artes Digitais da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Rafael Conde

Linha de Pesquisa: Cinema independente, análise de produção.

Palavras-chave: cinema, custo, estratégias, produção.

Belo Horizonte

2017

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 – INTRODUÇÃO..... | 3 |
| 1.1 – Câmera..... | 6 |
| 1.2 – Iluminação | 6 |
| 1.3 – Tripé | 7 |
| 1.4 – Softwares de edição..... | 7 |
| 1.5 – Áudio | 8 |
| 2 – A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO | 10 |
| 3 – ANÁLISE DA PRODUÇÃO | 11 |
| 3.1 CENA 1 | 12 |
| 3.1.1 – Comparação com uma produção de maior orçamento | 14 |
| 3.2 – CENA 2 | 16 |
| 3.2.1 – Comparação com uma produção de maior orçamento | 18 |
| 3.3 – CENA 3 | 19 |
| 3.3.1 – Comparação com uma produção de maior orçamento | 21 |
| 4 – CAPTAÇÃO DE RECURSOS..... | 21 |
| 5 – CONCLUSÃO..... | 23 |
| REFERÊNCIAS | 25 |

1 - INTRODUÇÃO

O que se chama na época de “cinema independente” é bastante complicado de explicar. Fundamentalmente é o cinema feito pelos pequenos produtores, em oposição ao cinema das grandes empresas. Mas nem todo pequeno produtor é necessariamente “independente”. Para ser qualificado de independente um filme deve ter um conjunto de características que frequentemente nada tem a ver com seu esquema de produção – tais como temática brasileira, visão crítica da sociedade, aproximação da realidade cotidiana do homem brasileiro. Misturam-se aos problemas de produção questões de arte e cultura, de técnica e linguagem, de criação autoral, e a “brasilidade”. (GALVÃO, 1980, p. 14).

Produzir seu próprio filme não é mais uma tarefa tão difícil. Já dizia Glauber Rocha que “uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”¹ basta para se produzir bons filmes.

Considerado um dos principais nomes do Cinema Novo, Glauber Rocha (1939-1981) renovou o cinema brasileiro ao fugir dos padrões de Hollywood², produzindo filmes que retratavam a realidade política e social do Brasil, além de valorizar a cultura brasileira.

Mas, a ideia do cinema improvisado, que foi atribuída à Glauber, não era tão real assim. Em 1971, antes de embarcar para o exílio em Portugal, Glauber entregou à Cinemateca Brasileira, um armário com gavetas repletas de cartas, manuscritos, recortes de jornal e outros documentos pessoais. Entre eles, havia um roteiro de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), que, conforme descoberto, fora trabalhado entre os anos de 1959 a 1963. Nesse documento, fica visível a preocupação do cineasta baiano com a criação de uma estética cinematográfica e uma mensagem política que fossem revolucionárias e associadas ao subdesenvolvimento econômico e social do terceiro mundo. Porém, ao mesmo tempo, estes manuscritos revelavam todo o minucioso processo de produção do diretor, com relatos de viagens pelo sertão brasileiro e rigorosos estudos sobre o cangaço (CANTARINO, Carolina, 2007).

¹ Esta frase sempre foi atribuída a Glauber Rocha, mas segundo ele próprio, ela pertence ao cineasta Paulo César Saraceni. Em: <<http://anovademocracia.com.br/no-12/1049-o-desafio-de-fazer-cinema>>. Acesso em: 30 de maio 2017.

² Trata-se de um cinema baseado em códigos formais, geradores de uma alienação multiforme e, quase sempre sutil, onde a liberdade e a busca da felicidade aparecem com forte tom de ideologia. Quase todos os filmes hollywoodianos possuem uma, das seguintes características: ignoram pura e simplesmente as coordenadas políticas e sociais das situações que descrevem, ou as deformam e mascaram.

O que se pode tirar de lição deste fato relacionado ao precursor do Cinema Novo é que, não importa se a produção é feita em casa ou numa grande produtora ou quais equipamentos ou estética usados nele, pois o que vale, acima de tudo, é o planejamento. Sem dúvida, o planejamento é a base de tudo. Com ele, pode-se antecipar, prevenir e corrigir erros de filmagens (e outros) antes que aconteçam. Seja numa grande produção, envolvendo uma equipe numerosa, várias locações, equipamentos sofisticados, ou uma produção pequena, autoral, propiciada pelos novos dispositivos digitais.

Aprendi isso na prática, em 2016, ao participar da disciplina “Filme Brasileiro, Esquema Novo”, vinculada ao curso de Cinema de Animação e Artes Digitais da UFMG. Nesta disciplina, ministrada pelo professor Rafael Conde, tivemos várias atividades relacionadas à produção de curtas, que deveriam ser de temáticas diversas. Uma foi a proposta de fazermos um filme sobre uma identidade social, que poderia ser a nossa mesma ou outra, fictícia. Então, resolvi contar a história de um homem atormentado por pesadelos, que vive no limiar da sanidade e da psicopatia. No curta, eu trabalharia sozinho, ocupando, simultaneamente, as funções de diretor e de ator. Enfim, um desafio que resolvi enfrentar. Um desafio difícil, mas que se revelou muito produtivo, pois a experiência se tornou o tema de meu TCC.

Assim, produzir dentro de uma proposta de um “filme esquema novo”, de acordo com o programa da disciplina, implicaria em estudar a realização do filme em função das constantes transformações técnicas do audiovisual, principalmente aquelas associadas ao surgimento do digital. Técnicas que não param de transformar a prática do filme – e que ampliam as fronteiras do conceito de cinema, em termos de acessibilidade ao fazer, do fluxo contínuo na distribuição de imagens e da multiplicação das telas de exibição.

Com a ideia na cabeça, parti para a câmera na mão... ou no tripé. Neste caso específico, o tripé foi de grande ajuda, pois, sendo uma produção de um homem só, este equipamento é de fundamental importância e utilidade. E como citei o uso de equipamentos, listarei abaixo os que foram necessários para a produção do curta-metragem e que considero os itens básicos em qualquer produção.

1.1 – Câmera

Qualquer dispositivo de captura de imagem pode servir para produzir filmes (câmeras, celulares, computadores, *tablets*, etc.). A maioria dos celulares de hoje possui uma boa qualidade de imagem e som. Para quem quiser utilizar um equipamento melhor, existem no mercado diferentes tipos de câmeras, como as tipo *handycam*, que tem um custo menor e são de fácil manipulação; ou as câmeras DSLR, que são equipamentos mais robustos de fotografia e filmagem e, dependendo do modelo, têm qualidade equivalente a filmadoras profissionais.

Na produção do meu curta-metragem usei uma câmera DSLR 60D, da marca Canon, com objetiva padrão de 18-135mm F/3.5-5.6. Trata-se de uma câmera semiprofissional, que tem um custo benefício muito bom que, dependendo da objetiva acoplada a ela, pode obter resultados satisfatórios, mesmo se usada em locais de pouca iluminação. O problema é que boas objetivas custam caro. No entanto, no caso aqui aplicado, não foi preciso fazer uso de uma deste modelo, pois a objetiva básica cumpriu bem seu papel.

1.2 – Iluminação

Desde o advento da fotografia, que é a precursora do cinema, o domínio da luz e sombra numa produção é fator de suma importância. Em seu livro *O cinema como arte*, Stephenson e Debrix comentam a importância da iluminação no teatro e no cinema.

A iluminação pode fazer com que uma composição tenha uma estrutura unificada e salientar-lhe o significado [...] Outra propriedade da iluminação é dar a atores, cenários, acessórios e trajes um caráter adequado e determinar o tom emocional de uma cena [...]. Finalmente, a iluminação afeta não só a superfície, mas também a estrutura da realidade, ajudando a criar espaço pictórico e cênico (STEPHENSON; DEBRIX, 1969, p. 166).

Para captura de imagens, seja foto ou vídeo, é necessário a presença de luz. Lógico que existem equipamentos ultrasensíveis que podem capturar imagens com o mínimo possível de iluminação. Mas não foi o caso desta experiência a ser descrita, pois ela foi uma produção caseira, que contou com o uso de equipamentos pouco sofisticados. Assim, neste caso, houve a necessidade de se pensar bem a iluminação. Se é difícil ter um excelente equipamento de captura de imagens, pode-se compensar isso

usando uma boa iluminação, evitando, assim, imagens escuras e cheias de “ruído”, que muitas vezes não podem ser corrigidas na pós-produção.

Uma opção razoavelmente barata são os iluminadores de led, que, além de serem encontrados em vários tamanhos e modelos, são eficazes, práticos e de baixo consumo de energia. Pode-se optar também por luminárias caseiras, desde que elas tenham uma potência razoável para iluminar as cenas gravadas com o mínimo de qualidade.

No curta que realizei – que foi todo gravado à noite – usei um iluminador pequeno de 160 leds e uma luminária comum, para a cena passada no quarto, além da iluminação normal do apartamento.

1.3 – Tripé

Itens indispensáveis para quem quer filmar e atuar em seus próprios filmes ou mesmo produzir vídeos para canais e redes sociais, sem depender de uma segunda pessoa, os tripés podem ser encontrados facilmente, nos mais diversos modelos, de todos os tipos e preços, que sejam adequados às necessidades de cada um.

Para a produção deste curta-metragem, utilizei um tripé semiprofissional da marca Benro, que possui cabeça giratória, com movimentos de *pan e tilt*³ e estrutura muito resistente, que considero ideal para filmagens.

1.4 – Softwares de edição

O objeto sobre o qual a montagem se exerce são os planos de um filme (ou seja, para explicitar ainda mais: a montagem consiste em manipular planos com o intuito de construir um outro objeto, o filme. (AUMONT, 2007, p. 164)

Após concluída a etapa das filmagens, entra a parte em que a produção vai ganhar corpo. É a hora da edição, onde as possibilidades são infinitas e os resultados podem ser os mais variados.

³ Pan (panorâmica ou *panning*) – movimento efetuado com a câmera horizontalmente, geralmente em velocidade lenta, de um lado para outro. Para efetuar este movimento a câmera pode estar segura pelas mãos ou fixada sobre um monopé ou tripé. Neste último caso, trava-se no mesmo através de uma alavanca, a movimentação vertical de sua cabeça. Com isto, o único movimento efetuado pela câmera é o horizontal, conhecido como pan.

Tilt – movimento efetuado com a câmera verticalmente, geralmente em velocidade lenta, de cima para baixo ou vice-versa, revelando algo para cima ou para baixo do ponto de vista do expectador. Para efetuar este movimento a câmera pode estar segura pelas mãos ou fixada sobre um tripé. Neste último caso, trava-se no mesmo através de uma alavanca, a movimentação horizontal de sua cabeça. Com isto, o único movimento efetuado pela câmera é o vertical, conhecido como tilt.

Nesse processo, é importante saber trabalhar com softwares de edição e conhecer todos os recursos disponíveis para aplicar num filme. Acredito que uma boa edição pode salvar uma gravação ruim ou vice-versa, pois de nada adianta fazer uma filmagem excelente, com enquadramentos perfeitos, com luz, cenários, figurinos, etc. para que, quando chegar a etapa da montagem, o trabalho for mal executado.

Assim, quem não sabe trabalhar bem com edição, vai precisar de um profissional da área, para executar esta tarefa, para evitar que o filme produzido tenha uma qualidade ruim ou que não fique interessante aos olhos do espectador.

1.5 – Áudio

A trilha sonora de um filme é constituída por músicas, diálogos e ruídos, ou seja, trata-se de toda a parte sonora utilizada na produção.

Mas, como muitos iniciantes não levam em consideração esta parte, eles acabam por comprometer o resultado final de seu curta. Não existe coisa pior do que, ao assistir um filme, não se compreender o que os personagens estão falando ou então perceber que a trilha sonora apresenta ruídos não condizentes com a cena apresentada.

Os equipamentos de gravação de imagens também captam o som. Mas é preciso levar em conta uma série de fatores que, se não observados, podem transformar em caos o filme produzido, comprometendo todo o processo.

Primeiro, a grande maioria destes equipamentos não possui uma boa captação de áudio, ainda mais se levarmos em conta que a câmera pode estar distante dos atores. Uma boa captação de som pede, no mínimo, um microfone específico, direcional ou de lapela. No entanto, isso não quer dizer que seja necessário o investimento em gravadores profissionais. O processo pode ser feito por improviso, com a captação do som das vozes dos atores feita com celular, que pode ser introduzido na roupa dos atores, ficando oculto, próximo à boca deles. Nesse caso, o celular funciona como microfone de lapela. Além disso, para fazer a captação dos ruídos, pode-se colocar outro celular próximo à cena. Depois, este som é trabalhado e sincronizado na pós-produção. Mas, se não se tem este conhecimento técnico, será preciso contratar um profissional de som para efetuar esta tarefa, inclusive, com auxílio na parte de captação do som.

Outra opção, a mais usada na maioria das produções, é gravar todo o som, ruídos e músicas separados e inseri-los na pós-produção. Assim, pode-se ter maior controle

sobre cada ruído, com a possibilidade de editá-los e aumentar ou diminuir o volume de cada um deles.

Então, como parece ter ficado claro, produzir filmes não é nenhum “bicho de sete cabeças”. A prova concreta disso é o grande número de “cineastas amadores”, que surgem aos montes e lotam a internet com filmes, séries, canais próprios dos mais variados temas.

Esta popularização da produção em vídeo nos faz questionar os rumos que o audiovisual está tomando, pois é notório que espalhar seu conteúdo já não é mais um problema. A questão agora é como ser visto neste universo de informações bombardeadas a todo o momento. Nesse processo, a banalização das produções pode ofuscar sua qualidade e sufocar novos talentos.

No entanto, essa abordagem será deixada para outros interessados no assunto, para que eles avaliem e escrevam mais profundamente sobre esse fascinante e atual tema. A intenção deste artigo é analisar a produção de um curta-metragem “feito em casa” – e por apenas uma pessoa. O foco do texto centra-se nos aspectos técnicos da produção, da concepção da ideia, passando pelo roteiro, *storyboard*, filmagens e finalização.

Ao mesmo tempo, buscarei traçar um comparativo de como poderia ter sido o mesmo “curta” caso houvesse toda uma equipe envolvida no processo, além de maiores e mais disponíveis recursos financeiros para a sua produção.

Com isso, pretendo identificar fatores que possam contribuir para aumentar a qualidade final das produções independentes, sem que as mesmas tenham uma oneração que as tornem inviáveis ao seu realizador.

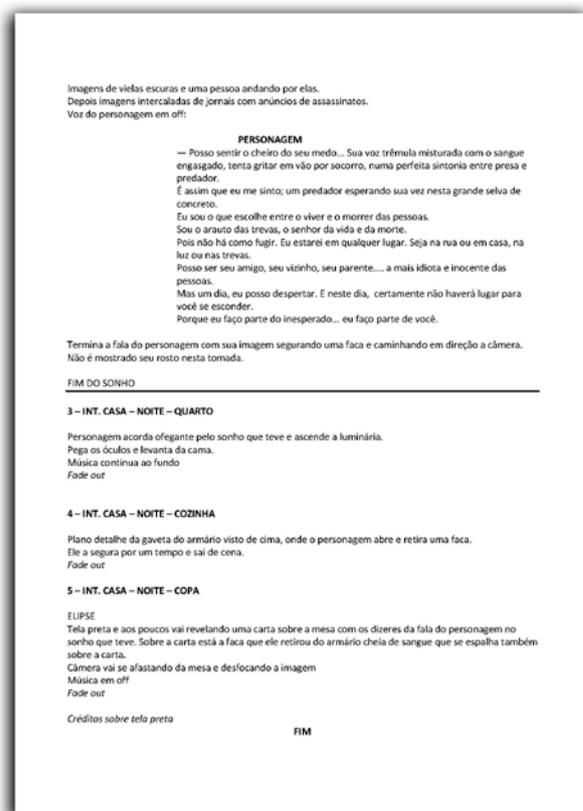
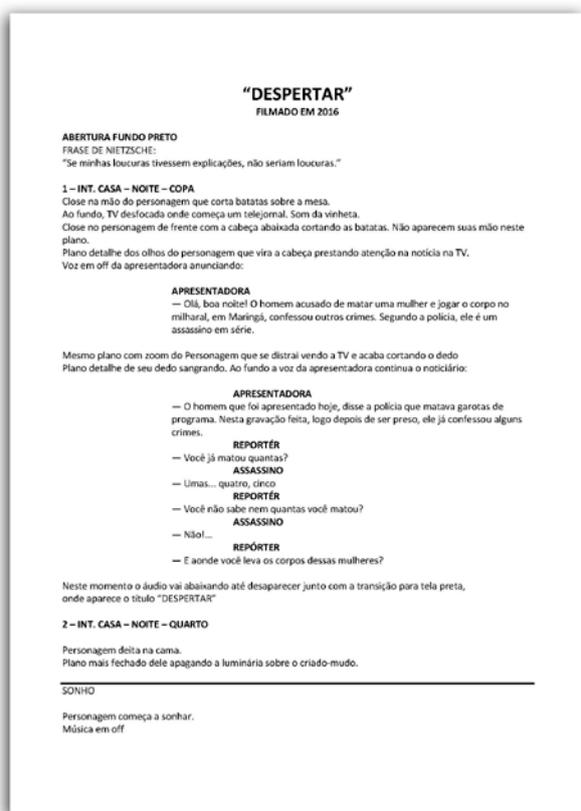
Tudo isso, leva à seguinte questão: Seria possível produzir um filme sozinho com qualidade e baixo custo? A resposta será dada com a análise deste trabalho, pois, nele, buscarei pontuar o que deu certo e o que não funcionou – e por que não funcionou. Por fim, informo que minha intenção não é outra senão a de traçar diretrizes que possam ajudar os que se aventuram na fascinante arte do cinema.

2 – A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO

“Quando forçada a trabalhar em um formato restrito, a imaginação é forçada ao máximo – e produzirá as ideias mais ricas. Com total liberdade, é provável que o trabalho perca seu foco”.

T.S.ELIOT (MCKEE, 2006, p. 133).

Como informado acima, o “curta” conta a história de um homem que vive no tênue caminho entre a sanidade e a loucura. Bombardeado por notícias de morte e violência, ele luta contra seu próprio “eu”, seus próprios medos e desejos, sem saber ao certo se vencerá ou não esta batalha. Na construção do roteiro, busquei deixar em aberto o desfecho da história para que o espectador tenha uma maior interatividade ao final do filme.



Páginas do roteiro

3 – ANÁLISE DA PRODUÇÃO

Entre Hollywood, seus derivados e concorrentes, por um lado, e as bricolagens mais ou menos “feitas em casa” de cineastas cuja produção às vezes se avizinha do cinema particular (é o caso de muitos “experimentais”), existem as pequenas empresas artesanais, as de cineastas-produtores que, para cada novo filme, devem buscar, ao mesmo tempo, o material intelectual e artístico e os meios econômicos e institucionais. (AUMONT, 2012, p. 161).

Para a realização de um filme sozinho, o fator mais importante é o planejamento minucioso de cada cena. Um roteiro e um *storyboard*⁴ bem detalhado, que mostre como será o enquadramento, o foco e desfoque necessários, a iluminação, o tempo da tomada e a ação do personagem, fará com que o diretor possa determinar por quais cenas começar, levando em consideração a logística de cada uma delas.

Outro fator importante é a checagem dos equipamentos: luzes, câmera, tripé, baterias e cartões de memória. Um erro de cálculo ou de checagem destes itens pode custar horas de gravações e muita dor de cabeça.

Uma escolha que considero essencial, neste tipo de filmagem, é a opção pelas cenas internas. No caso deste “curta”, adotei este expediente, pois assim a história, que se passa toda a noite, tornou-se menos difícil de ser filmada. Creio que, numa filmagem externa, os complicadores seriam maiores para uma pessoa sozinha gerenciar. Observados esses pontos principais, parto para os detalhes para as filmagens, conforme segue.

⁴ Espécie de roteiro, semelhante a uma história em quadrinhos, que contém desenhos em sequência cronológica, mostrando as cenas e ações mais importantes na decupagem de um filme, programa ou anúncio de TV.

3.1 CENA 1



A cena 1 começa com um zoom nas mãos do personagem, que está ali cortando batatas enquanto assiste ao noticiário na TV (1). A TV ao fundo está desfocada, numa estratégia utilizada para não permitir ao espectador identificar o que se passa nela. Como só tinha o áudio sobre a notícia, a opção foi por desfocar o fundo e inserir uma cena qualquer de outro telejornal. Desta forma, fica-se com a impressão – e impressão é tudo no cinema – que o áudio e a imagem estão vindos da TV.

Em seguida, há um corte para o rosto do personagem (2) e, no momento em que ele ouve uma notícia que lhe chama a atenção, aparece um plano mais fechado de seus olhos virando-se para a TV (3). Este *take*⁵, como o anterior, não possui som algum no momento da gravação, há apenas a simulação do personagem, como se ele estivesse ouvindo a TV. O som foi todo inserido na montagem do filme.

No plano seguinte (4), o personagem, distraído, corta seu dedo. Não é mostrada a ação, mas somente o seu rosto, que parece sentir dor no momento. Trata-se de uma elipse. A ação fica evidente no zoom em sua mão ensanguentada no plano seguinte (5).

⁵ *Take* ou tomada é cada captura feita de um determinado plano do filme, com o objetivo de se chegar ao melhor resultado para a equipe e ou diretor. Um mesmo trecho de filme pode ser encenado e registrado repetidas vezes, para que seja possível selecionar a melhor tomada que será, enfim, utilizada na versão que vai às telas. Em audiovisual, portanto, cada tomada é uma tentativa de rodar um plano.

Um detalhe digno de nota é que o fato de o filme ser feito todo em preto e branco ajudou no que diz respeito a não preocupação com a tonalidade real do sangue. Mesmo assim, busquei acertar ao máximo sua coloração. Usei suco misturado a pó de achocolatado para obter um resultado parecido ao sangue real.

No próximo plano, é mostrada a cena do personagem tentando estancar esse sangue, enquanto continua prestando atenção ao noticiário (6). Então, em sequência, ele pega a tábua com a batata que cortou e sai de cena (7). Nesse instante aparece o título do filme, com a voz em *off* da TV (8).

Para otimização nas gravações, é necessário analisar bem o *storyboard* e o roteiro, que deve detalhar as ações do personagem, as indicações de luz, ângulo da câmera, plano, etc. Após esta análise, decidi que algumas tomadas deveriam ser gravadas ao mesmo tempo. Por exemplo, as tomadas 1 e 7, que se passavam no mesmo local, com a mesma iluminação, mesmo foco e ações parecidas. O mesmo acontece com as tomadas 2 e 6, onde o enquadramento é mantido para ações diferentes.

Neste ponto, entendo que vale a pena relatar um problema técnico ocorrido com a tomada 4. Ela também deveria estar no mesmo acerto de enquadramento, luz e ajustes de câmera das tomadas 2 e 6 mas, por um problema não calculado previamente, este ajuste foi perdido. A bateria da câmera acabou no meio das filmagens e teve que ser substituída. Como precisava retirar a câmera do tripé para trocar sua bateria, este acabou por sair da posição. Além disso, aconteceu um erro de continuidade, que só foi detectado posteriormente, com o filme terminado. Nas tomadas 2 e 6, a luz do quarto, que fica atrás do personagem, está apagada, mas na tomada 4 ela está acesa. Trata-se de um erro que passou despercebido – e que serviu para que fizesse uma reflexão sobre o fato. Contudo, se ele ocorresse numa grande produção, a falha poderia custar o cargo do continuísta, pois este profissional é o responsável por manter, durante as diversas cenas e montagens de produções televisivas e cinematográficas, a harmonia do enredo, falas, sonoplastia e imagens, anotando todos os detalhes junto ao diretor, evitando, assim, os erros de continuidade, como o ocorrido neste curta.

Acho que foi o diretor inglês Alfred Hitchcock (1899-1980) quem afirmou que, para a fruição e “funcionamento” de um filme, deve haver o estabelecimento de uma espécie de “pacto” entre diretor e espectador. Nesse “pacto”, o espectador se compromete a imergir na “mentira” projetada no cinema. Mas, para isso, o diretor do filme não deve deixar que nenhum resquício desta “mentira” fique evidente. Nesse

contexto, creio que, erros de continuidade (dentre outros) representam um rompimento dessa espécie de acordo entre as partes, pois eles dispersam e desviam a atenção do espectador para a “mentira” fílmica, impedindo-o, assim, de acompanhar de modo convicto e atento o desenrolar da história contada.

3.1.1 – Comparação com uma produção de maior orçamento

Neste tópico, faço uma análise de como poderia ser esta mesma cena, apresentada acima, se eu tivesse à minha disposição um orçamento maior e – consequentemente – uma equipe técnica de auxílio à produção.

Antes, enumero alguns profissionais que seriam utilizados em todas as cenas e fases do curta. Ou seja, profissionais fixos que exercem funções específicas durante todo o processo de produção, tanto na pré quanto na pós-produção fílmica.

Vale lembrar que, para um curta-metragem, esse número pode ser reduzido. Mas, em uma produção de porte maior, certamente a quantidade de pessoas envolvidas é bem superior e requer um planejamento mais detalhado para a nomeação de cada um deles.

Entretanto, vou me ater, neste curta, ao número mínimo de profissionais necessários para sua realização, supondo que eu tivesse um orçamento considerável para toda a sua produção.

Estes profissionais estão listados abaixo, em ordem alfabética:

- Assistente de câmera (foquista)
- Assistente de direção
- Continuista
- Diretor
- Diretor de arte
- Diretor de fotografia
- Editor
- Figurinista
- Maquiador
- Maquinista
- Operador de Câmera
- Preparador de elenco

- Produtor executivo
- *Storyboarder*
- Técnico de efeitos visuais
- Técnico de Iluminação
- Técnico de som

Voltando à análise da cena 1, começo com a tomada de um telejornal, onde mostro a apresentadora e, em seguida, a entrevista com o suspeito dos crimes. O foco poderia centrar-se na TV e depois mudar para a mão do personagem principal (que está cortando batatas), ou vice-versa. Daí a importância do assistente de câmera (responsável pelo foco) neste momento.

Na tomada do *close* da mão ensanguentada (5), para dar maior realismo à cena, poderia usar o sangue cenográfico.

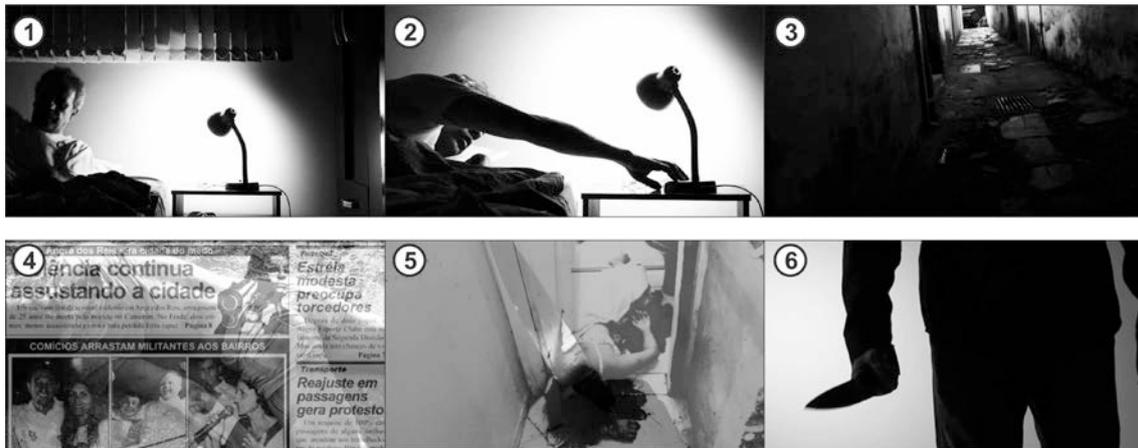
Na entrevista ao suposto assassino, seria interessante mostrar seu rosto e, talvez intercalar vários cortes desta cena com a tomada do rosto do personagem cortando batatas. Creio que seria uma sequência interessante.

Para esta cena, os profissionais envolvidos seriam:

- O ator principal (no caso, provavelmente não seria o diretor);
- Um ator para interpretar a apresentadora do telejornal;
- Um ator para representar o assassino preso.

Em relação ao erro de continuidade das tomadas 4 e 6, penso que, se houvesse a participação do continuísta, isso não ocorreria, pois esse profissional, na sua função de ficar atento à observação dos detalhes de cada cena, iria conferir, naquela tomada, o que não estivesse de acordo com a cena anterior.

3.2 – CENA 2



Esta cena começa com o personagem a caminho da cama, indo se deitar. O enquadramento escolhido concentra-se na parte da cama à esquerda e um criado-mudo com uma luminária à direita (2). Na edição do filme, decidi fazer um close maior na ação do personagem de apagar a luminária. Ampliando a imagem, que já havia sido filmada em torno de 20%, consegue-se simular este zoom. Mas isso não é recomendável. O certo seria fazer outra tomada com este recorte de aproximação. Entretanto, levando-se em consideração o tempo curto para a produção do filme – e o fato do seu estilo ter essa granulação dos pontos como estética – entendi que não se perderia muito a qualidade da imagem se assim fizesse. Um detalhe importante é que a sensação de que um close maior naquela ação só foi percebido na montagem final do curta. Por isso foi utilizado este recurso, ainda que, de modo geral, ele não seja muito usual ou aceito pelos diretores.

A próxima tomada, que é a parte em que o personagem tem um sonho, que faz com que se tenha a impressão de que algo diferente o desperta, tem alguns detalhes que julgo interessantes, e que merecem uma análise em pormenores, conforme segue abaixo:

As imagens externas de uma ruela (3) foram feitas em Ouro Preto há 3 anos, durante um passeio que realizei pela cidade, quando aproveitei a oportunidade para capturar algumas imagens que considerei interessantes. Ressalto que a possibilidade de “acumular cenas” ou de construir um “banco de imagens” costuma ser uma estratégia valiosa, um grande auxílio a quem produz filmes por conta própria, constituindo-se numa das características mais importantes dessa nova produção contemporânea, dita

independente, associada a esses dispositivos digitais de captação e de armazenamento de imagens e sons. Assim, muitas vezes, nesses passeios ou no dia a dia, não é incomum nos depararmos com uma cena que julgamos interessante. Cabe ao profissional ter esse olhar perspicaz e atento a realidade que o rodeia, aguçando, permanentemente esta prática de acumulação (via fotos, vídeos, pesquisas) desses momentos do cotidiano para o seu usufruto, mesmo que não de imediato.

É importante salientar que estas imagens capturadas devem ser catalogadas, renomeadas e separadas por categorias, antes de armazenadas em dispositivos de fácil acesso à consulta e possível utilização em alguma produção futura.

Na realização do curta-metragem, eu me lembrei destas filmagens e acabei por inseri-las no filme. Dessa forma, poupei o tempo que levaria no processo, de ter que sair de casa e procurar um local para produzir imagens. E, como mencionado antes, o tempo para a produção era muito curto. Além disso, eu tinha que conciliá-lo com os outros compromissos da semana, que eram muitos, pois a proposta da disciplina era que produzíssemos esses filmes no prazo de uma semana, de uma aula para outra.

As imagens de recortes de jornal com manchetes de crimes (4), conforme mostradas no curta-metragem, foram capturadas na internet. A opção de apresentar essas imagens sobrepostas umas às outras se deu pela minha tentativa de se criar um certo desconforto no espectador.

Após essas cenas, inicia-se a narração em *off* de uma carta que o personagem havia escrito – a carta descreve o lado psicótico dele. Optei por gravar esse áudio num celular comum, dentro de um banheiro, pois minha intenção era obter um pouco de eco ao fundo, o que julguei que combinaria com as imagens dos jornais e dos corpos assassinados que iam passando pela tela, além de entender que daria um ar mais sombrio à narração.

Acompanhando a narração, inicia-se a audição de uma música instrumental, tocada em um piano. A escolha foi por uma composição feita para um filme de terror, que sugere um *thriller* psicótico. Acredito que a trilha musical é muito importante para se dar ênfase ao enredo, impactar a cena e dar credibilidade ao personagem. Além disso, esta música reforça a dramaticidade criada pelas opções de trabalho de captação de som direto, ressaltadas anteriormente.

3.2.1 – Comparação com uma produção de maior orçamento

Se fosse uma produção de maior orçamento, creio que a cena 2 não precisasse de grandes mudanças. Muito poucas. Uma delas seria a utilização do enquadramento mais fechado na tomada em que o personagem apaga a luz (2), já que, no meu curta-metragem, utilizei um recurso que não é o indicado (ampliação do quadro na edição).

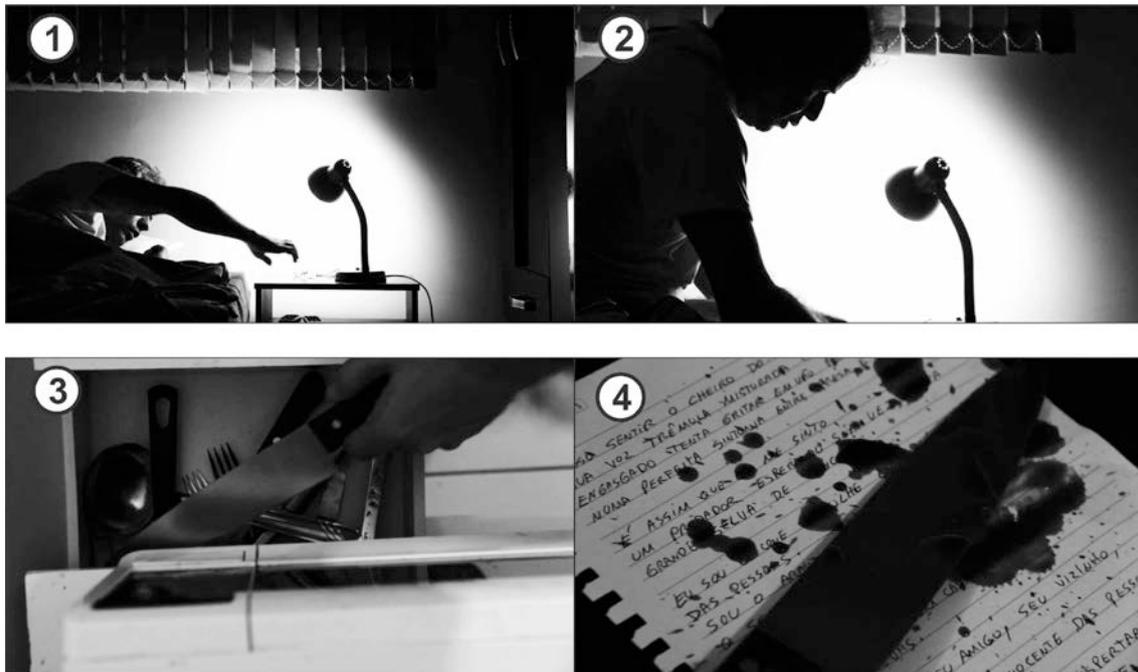
As tomadas da viela e os recortes de jornais poderiam ser produzidas especificamente para o “curta” ou então deveriam ser usadas essas mesmas imagens de banco de dados. Mas essa decisão ficaria a critério do diretor e não influenciaria muito na qualidade do produto final. Poderia assim criar uma sequência específica para as cenas na rua ou dos recortes dos jornais.

Ainda no caso hipotético de uma produção maior, de mais vulto, se o diretor optasse por construir cada cena das manchetes do jornal com os assassinatos, acredito que haveria a necessidade de se contratar figurantes para representarem as pessoas ali vitimadas.

Da mesma forma, se a opção fosse por manchetes específicas, seria preciso contratar profissionais de artes gráficas para elaborarem as artes dos jornais ali visualizadas.

Outro ponto, desta cena, é a música de fundo, iniciada num determinado momento do curta-metragem. No caso de uma produção mais vultosa, essa trilha teria que ser composta por um músico profissional, bem como a trilha de abertura do telejornal, da cena anterior. Se isso não fosse feito, seria indispensável a compra de direitos autorais das composições utilizadas no filme.

3.3 – CENA 3



A cena começa com o personagem acordando do sonho (1). É o mesmo enquadramento utilizado na cena 2. As ações de apagar e de acender a luminária foram gravadas simultaneamente, um recurso usado para aproveitar os ajustes feitos no *set*⁶. Novamente, foi utilizado o recurso de ampliar a imagem do vídeo para dar um *close* no personagem.

A próxima tomada (3) é a parte do curta-metragem em que o personagem, decidido a fazer alguma coisa, vai até a cozinha e pega uma faca no armário. Como eu pretendia dar ênfase apenas à faca, nesta ação, optei por colocar a câmera numa visão de cima, mostrando apenas parte do armário de onde o personagem vai retirar a faca.

Considero essa parte técnica a mais difícil do “curta”, pois o posicionamento da câmera era um complicador. Para resolver o problema, tive que colocar a câmera num pequeno tripé e prendê-la embaixo de uma banquetta para conseguir a tomada pretendida na cena. Isso tudo em cima do armário da cozinha, que tinha em torno de dois metros de altura e numa posição nada favorável para manusear a câmera. O que ajudou foi que o equipamento possui um visor que gira em várias posições. Desta forma, coloquei o visor virado para baixo e assim pude achar o enquadramento ideal.

⁶ Cenário preparado para representação e filmagem.

O foco foi outro problema encontrado – e que só foi percebido também depois das filmagens concluídas. Para essa tomada, eu tive que usar o foco automático e busquei colocar em cena todo o espaço dentro da gaveta, onde aconteceria a ação (fig.1). Mas após o personagem pegar a faca, que é o objeto principal da cena, ele a levanta um pouco acima da gaveta e, com isso, acaba saindo do foco (fig. 2). Um erro primário, mas que não é incomum de ocorrer, principalmente quando se produz sozinho um filme. Daí a importância de um assistente de câmera, que é o profissional responsável por cuidar do foco e do zoom no momento da filmagem.



Fig. 1



Fig. 2

Na tomada seguinte há um *close* de uma carta escrita pelo personagem e uma faca ensanguentada em cima dela (4). A ideia aqui era utilizar câmera na mão e não preocupar muito com o foco, para causar certo desconforto ao espectador, deixando, assim, a cena mais tensa. O que se vê é apenas uma carta com os mesmos dizeres da narrativa em *off*, que ocorreu no sonho do personagem na cena 2. Dessa forma, passa-se a sensação de que o personagem sonhou com essas palavras e resolveu escrever uma carta deixando esta mensagem. O que aconteceu em seguida, se o personagem matou ou feriu alguém, – ou suicidou-se – não fica evidente.

Mas isso foi proposital, pois o que queria com a cena era que o sangue demonstrasse que algo aconteceu ali, nada mais que isso. Tinha a pretensão de que o fim do curta-metragem ficasse em “aberto”, cabendo a cada espectador interpretá-lo da forma que quiser. A sensação que queria passar era somente dos dramas e dos conflitos psicológicos vividos pelo personagem. Para mim, o desfecho do “curta” poderia ser qualquer um – por isso a decisão de não ter um fim completamente claro e “pronto”, entregue ao espectador.

3.3.1 – Comparação com uma produção de maior orçamento

Nesta cena, repete-se o mesmo esquema da anterior, onde é utilizado o enquadramento mais fechado no momento que o personagem se levanta (2).

Na tomada seguinte (3), o papel do assistente de câmera seria extremamente importante para que a faca ficasse em evidência e não ocorresse o erro grave que aconteceu na filmagem do “curta”, quando a imagem ficou em desfoque.

Na cena final da carta, poderia ser mais trabalhada também o uso do foco e desfoque. Mas aí seria questão de gosto do diretor. Entendo que do jeito que ficou não atrapalhou em nada a qualidade da cena.

4 – CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Nessa parte, entendo que vale a pena discorrer um pouco sobre os recursos financeiros para se produzir um primeiro filme, afinal, todo cineasta independente sonha em conseguir fazer grandes filmes, mas que sejam, preferencialmente, de orçamento adequado à sua realidade.

Como afirmado, a primeira coisa a se fazer, no processo de realização de um filme, é um bom planejamento. Um filme, seja ele um “curta”, um documentário ou um longa-metragem, passará por muitas etapas: captação, locação, produção, contatos e contratação de atores; edição, pós-produção, etc. Por isso, a necessidade de se ter um planejamento para cada etapa, pois isso vai ajudar o interessado a descobrir onde poderá economizar e quais as melhores formas de obter recursos.

Estes financiamentos podem vir de várias fontes como do governo, de empresas, de pessoas físicas; através de doações, patrocínios ou investimentos. Nesse oceano, as Leis de Incentivo são só uma ilha. Talvez o mais importante seja ter a mente criativa voltada aos negócios e oportunidades. Um exemplo, seria tentar recursos através do *crowdfunding*, que são “vaquinhas” online, onde qualquer pessoa pode fazer uma doação para projeto. O valor arrecadado pode não ser suficiente para financiar todo o filme pretendido, mas, sem dúvida, esse tipo de ação costuma ajudar bastante para reforçar o caixa.

Outra estratégia possível é a de explorar o *merchandising*, que é a utilização de algum produto em uma ou outra cena. Um exemplo bem singelo seria mostrar um personagem tomando um refrigerante, com um foco (discreto e elegante, para não

desviar a atenção do espectador) na marca desse produto. Muitas empresas pagam por este tipo de “anúncio”.

Outra opção seriam as parcerias. Por exemplo, se for preciso realizar uma cena que se passa em um restaurante, pode-se conseguir a locação de um estabelecimento em troca de um *take* do lugar, mostrando o seu nome ou sua fachada. Outra opção seria a de que um ou mais personagens citarem esse local durante a cena. O segredo é fazer com que a citação fique discreta, para não parecer forçada e, ao mesmo tempo, enfática, para que a propaganda seja, de fato, realizada. Outra seria, por exemplo, se a produção precisar de pintura em uma locação ou outra. Nesse caso, pode-se tentar uma parceria com lojas de tintas – e por aí vai.

Para os neófitos com o universo de realização de filmes, acredito ser recomendável lembrar que, quanto mais simples a produção, mais barata ela será e, assim, conseqüentemente, as chances de captar recursos para realização do filme pretendido serão maiores.

Nesta hora, a criatividade do cineasta vale ouro. Muitas cenas não precisam de grandes produções. Pode-se insinuar um local através de fala de personagens, de lembranças, de fotos, etc. Quentin Tarantino fez isso com *Cães de Aluguel* (1993). O filme gira em torno de um grande assalto a uma joalheria e as conseqüências disso para os envolvidos com a ação. No entanto, a cena do roubo não aparece em momento algum do filme. Desse forma, não é difícil de imaginar o que o diretor poupou, pois, se assim não fizesse, com certeza, ele teria de arcar com vultosos gastos com a locação da cena, com os atores e figurantes envolvidos, figurinos, etc. Tarantino resolveu muito bem isso com os diálogos (que fazem referência, o tempo todo, ao fatídico assalto) e as cenas de fuga dos assaltantes pela rua.

Então, sem dúvida, a criatividade é a grande aliada dos produtores independentes. Ademais, deve-se pensar que, com os recursos adquiridos no primeiro filme, o realizador estreante poderá financiar um segundo e assim, aos poucos, ir melhorando o orçamento de suas produções.

5 – CONCLUSÃO

Acredito que se um leigo ou mesmo quem está começando a se aventurar na área do cinema tivesse acesso a toda a análise comparativa realizada (que consta nos capítulos anteriores), ele teria elementos para perceber o qual grandioso é o processo de produção de um filme. Ele perceberia que todos os profissionais envolvidos, desde a ideia até a finalização do projeto, são fundamentais para que tudo saia com o menor risco de erro possível.

Assim volto à pergunta. É possível produzir um filme ou curta-metragem sozinho (mesmo com os novos recursos digitais de captação de imagem, edição, finalização e exibição)? A resposta poderia ser sim ou não, conforme o grau de exigência do diretor. É possível sim diminuir esta equipe, acumular funções e “enxugar” ao máximo o orçamento, sem que a qualidade final do filme fique comprometida. No entanto, deve-se ficar atento aos detalhes, pois quanto menor a equipe envolvida, mais minucioso deve ser o planejamento da produção.

Ainda que se perca um tempo maior nesta etapa, será este “tempo perdido” um fator determinante para que, no futuro, o filme não passe por problemas – problemas que, muitas vezes, não têm solução ou requeiram medidas extremas, como regravar uma cena inteira. Ou seja, tudo que nenhum produtor quer, pois significam mais gastos, mais tempo consumido e mais estresse para toda a equipe.

O importante nisso tudo é o diretor ter a consciência – e paciência – de que estar sempre envolvido na produção de filmes ainda é o melhor caminho para se adquirir conhecimento e “jogo de cintura” necessários para lidar com uma área que é caracteristicamente cheia de improvisos, técnicas, inspiração e muita determinação.

Além disso, penso que é a repetição que leva à perfeição - ou algo bem próximo disso. Portanto, para os que pretendem se aventurar como diretores e realizadores de seus próprios filmes, a única dica que posso oferecer é: comecem agora, e com o que tem em mãos. A experiência adquirida na produção de pequenos “curtas” será de muita valia, pois é ela que vai ajudar a entender o complexo universo do audiovisual, conduzindo a novos patamares a cada nova produção. Até para a captação de recursos, a complicada questão de lidar com um baixo orçamento pode tornar-se um grande diferencial na hora de produzir os filmes. Como numa feijoada, nada é desperdiçado,

tudo é aproveitado; tudo torna-se útil para quando for preciso se deparar com uma grande produção.

Para finalizar, volto à frase atribuída à Glauber Rocha, mas que, segundo o próprio, é de Paulo César Saraceni: “uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”, percebi que esta “ideia na cabeça” tem um aspecto muito mais profundo do que o aparente, pois envolve não só a criatividade artística, mas a produtiva, a de se reinventar, a de gerenciar e a de conduzir os percalços, que certamente existirão no processo de realização de obras cinematográficas. Penso que é somente com muita dedicação, amor à arte e – principalmente – planejamento que se chega ao objetivo desejado.

Assim, ao identificar os pormenores ocultos em cada corte, cada zoom, cada ruído, as chances de sucesso serão – fatalmente – exequíveis e propícias de serem alcançadas.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. *As teorias dos cineastas*. São Paulo: Papyrus, 2012.

AUMONT, Jacques; e outros. *A Estética do Filme*. São Paulo: Papyrus, 2007.

CANTARINO, Carolina. *Ciencia e Cultura*. vol.59 n° 1. São Paulo Jan./Mar. 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252007000100022&script=sci_arttext>. Acessado em 05 de junho 2017.

GALVAO, Maria Rita. *O desenvolvimento das ideias sobre cinema independente*. In: Cadernos da Cinemateca, São Paulo, n. 4. 1980.

MCKEE, Robert. *Story*. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

MININE, Rosa. *O desafio de fazer cinema*. Disponível em: <<http://anovademocracia.com.br/no-12/1049-o-desafio-de-fazer-cinema>>. Acesso em: 30 de maio 2017.

STEPHENSON, Ralph e DEBRIX, J.R. *O cinema como arte*. Tradução: Tati de Moraes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.